

## A NEGAÇÃO DA FEMINILIDADE E A CONSTRUÇÃO DA LESBIANIDADE EM *O POÇO DA SOLIDÃO*, DE RADCLYFFE

### *Eixo Temático 13 – Estudos críticos das heterossexualidades*

Lisiane Andriolli Danieli<sup>1</sup>  
Eliane Terezinha do Amaral Campello<sup>2</sup>

#### RESUMO

Neste trabalho, analiso a obra *O poço da solidão* (1928), de Radclyffe Hall (1880-1943), a partir de seu contexto de publicação e da construção narrativa da protagonista Stephen em relação à lesbianidade. Levando em consideração que Stephen transgride as imposições dos papéis sexuais da socialização feminina, abordo as teorias desenvolvidas por Simone de Beauvoir (1949) e, posteriormente, Adrienne Rich (1980), entre outras. Ao ter a possibilidade do que Virgínia Woolf (1928) caracteriza como “um teto todo seu”, Stephen se destaca enquanto escritora, mas ainda assim passa por conflitos acerca de sua sexualidade devido aos discursos conservadores da família, da medicina e da religião, os quais incidem sobre ela e a impedem de ter uma existência lésbica plena.

**Palavras-chave:** Transgressão; Feminilidade; Lesbianidade.

#### INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresento uma análise de *O poço da solidão* (*The Well of Loneliness*, original de 1928; 1ª edição em português de 1950), romance de Radclyffe Hall (1880-1943), nome artístico de Marguerite Radclyffe-Hall, publicado há quase um século, na Inglaterra. Para isso, é preciso reconhecer o contexto histórico-social a fim de perceber aspectos relevantes para a sua forma de escrita e sua aceitabilidade pelo público leitor e pela crítica literária. A obra foi censurada na época de seu lançamento, em julho de 1928, por haver o temor de que a chamada “inversão sexual” fosse difundida ao público em um texto que apresenta uma personagem principal, Stephen

---

<sup>1</sup>Doutoranda em História da Literatura da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, bolsista CAPES, lisiad@gmail.com;

<sup>2</sup>Doutora em Literatura Comparada (UFRGS) e professora colaboradora do PPG – Letras, Mestrado e Doutorado em História da Literatura, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, elianecampello@gmail.com.

Gordon (na edição brasileira que utilizo, o nome foi traduzido para Estevão), que se relaciona com outras mulheres e tem bom caráter.

O objetivo é mostrar de que forma a protagonista nega a feminilidade, enquanto construto limitador da existência das mulheres, e se entende e constitui lésbica, ainda que envolta em discursos conservadores que a condicionam ao auto-ódio. Para realizar tal análise, recorro a teorias desenvolvidas por Simone de Beauvoir (1949), Adrienne Rich (1980), entre outras feministas que deem conta da reflexão acerca do romance.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

Este estudo é realizado por meio de pesquisa bibliográfica acerca de feminilidade, lesbianidade e heterossexualidade compulsória, ancorada na crítica literária feminista. A partir da análise do conteúdo expresso na ficção, é possível perceber de que modo tais temas são abordados.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O romance é narrado em terceira pessoa e segue a vida da protagonista, a menina Estevão, nascida em uma família tradicional britânica com condições financeiras de manter uma ampla mansão e funcionários para cuidar da propriedade, além de uma abastada herança para a descendente. A autora, com conhecimento acerca das teorias da sexualidade em voga na sua época, constrói uma narrativa argumentando em favor do discurso médico que aponta para os fatores biológicos e anatômicos da homossexualidade. Seu objetivo é comprovar que a sexualidade é uma condição inata, conferida por Deus, o que daria a pessoas homossexuais o direito de existir. Esse aspecto é fundamental para o seu processo de censura e para que a obra replique o discurso médico e religioso que procura as causas da homossexualidade enquanto patologia, muitas vezes a ser combatida.

Segundo a pesquisa da cientista política Sheila Jeffreys (1996), a ideia da origem congênita da homossexualidade possibilita discutir sobre direitos homossexuais nos anos 1890 na Grã-Bretanha e Alemanha, além de demonstrar que essas pessoas “não eram pecadoras, e sim parte da criação e, por isso, era necessário aceitá-las”

(JEFFREYS, 1996, p. 19, tradução minha<sup>3</sup>). Porém, ao adotar tal teoria, é necessário aceitar os papéis impostos a cada sexo enquanto naturais, percebendo o sistema de gênero e as características definidas por femininas e masculinas como intrínsecas às pessoas. Conforme aponta a teórica chilena Margarita Pisano (2017), tanto a feminilidade quanto a masculinidade são criações masculinistas para manter a posição de subalternidade das mulheres:

A leitura imposta da existência de dois gêneros que dialogam, negociam ou geram uma estrutura social tem sido parte importante das estratégias da masculinidade para manter a submissão, a obediência, a docilidade das mulheres e sua forma de se relacionar com elas e com o mundo (p. 6-7).

Nessa perspectiva, o gênero nunca é escolhido, visto que é um sistema baseado nos valores e ideais masculinos e busca, na divisão sexual, a justificativa para hierarquizar os seres humanos devido a sua realidade material. O discurso médico torna a submissão e a domesticidade em dados naturais, ignorando o sistema patriarcal que determina essas características a fim de limitar a autonomia das mulheres. De modo a manter a protagonista de *O poço da solidão* presa a alguns padrões sociais, mesmo se relacionando afetiva e sexualmente com mulheres, a lesbianidade é tratada enquanto patologia. Essa perspectiva ignora a conceituação de Adrienne Rich (1929-2012) acerca da heterossexualidade enquanto uma “instituição política que retira o poder das mulheres” (RICH, 2019, p. 27) que pode não ser uma simples preferência das mulheres, “mas algo que precisou ser imposto, administrado, propagandeado e mantido à força” (RICH, 2019, p. 64), fazendo parte da ideologia patriarcal que oprime, explora e mata mulheres por meio da exploração da sua sexualidade.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O romance de Radclyffe Hall pode ser percebido enquanto narrativa formativa da protagonista, tendo em vista a sequência de fatos que transcorrem desde o seu nascimento até o seu desfecho infeliz, apresentando seu percurso de autoconhecimento junto a sua família, a tutoras e, posteriormente, a grupos de mulheres, sendo constantemente confrontada por conflitos internos. A obra é dividida em cinco partes e, ainda que todas as personagens sejam relevantes, terei como foco a trajetória de Estevão

---

<sup>3</sup> No original lê-se: “no eran pecadores, sino sólo una parte de la creación y, por lo tanto, había que aceptarlos”.

e sua existência lésbica, além da sua negação aos padrões de feminilidade socialmente impostos às mulheres.

De início, é apresentado o contexto familiar de Sir Philip e Anna Gordon, que 10 anos depois do casamento e da estadia em Morton estão prestes a ter um bebê. A mãe sente apta e preparada apenas para ter um filho, até mesmo os movimentos do feto a fazem acreditar que dará à luz um “galante garotinho” (p. 11). O nome escolhido pelo pai é Estevão, inspirado no Santo católico; apesar de não ser um homem religioso, lê a Bíblia por sua beleza literária. É perceptível a preferência pelo filho homem e a intenção de promover uma educação libertadora a ele. Porém, nasce uma filha, “que se pôs a goelar durante três horas consecutivas, como se sentindo ultrajada pelo fato de ter sido posta neste mundo” (p. 11).

Aos sete anos de idade, Estevão é criada como uma criança livre que, além da educação domiciliar, pode brincar em toda a propriedade da família, o que inclui exploração de grandes áreas arborizadas, equitação e caçadas:

Estevão tinha vontade de ser Guilherme Tell, ou Nelson, ou de sentir em si todo o ímpeto da carga de Balaclava; a consequência imediata disso era um saque nos “guardados” dos seus cômodos, uma verdadeira caça a vestimentas outrora usadas para “representações”; enfim, reboliço, barulheira, atitudes de narcisismo, demoradas contemplações diante do espelho; [...] (p. 19)

A brincadeira de representação pode derivar do fato de ter acesso a histórias que a agradam e, percebendo que os personagens que vivem aventuras são meninos, ela se veste com trajes definidos como masculinos. Em uma leitura anacrônica, tais brincadeiras podem sugerir que Estevão, uma criança comum, criativa e energética, sente vontade de alterar sua realidade material e corporal. Isso ocorre tendo em vista que ela expressa todas as potencialidades da infância e sente desconforto em ser submetida a rituais da feminilidade, percebido também no seu desgosto em passear na cidade com a mãe devido à exigência para que se “paramentasse” (p. 37) com vestidos e rendas.

Como descrito por Simone de Beauvoir no segundo volume de *O segundo sexo* (2016, v. 2), até a puberdade, meninos e meninas manifestam as mesmas capacidades intelectuais, porém a menina passa a ser “sexualmente especificada” desde a primeira infância porque “a intervenção de outrem na vida da criança é quase original e desde seus primeiros anos sua vocação [à passividade, ao coquetismo, à maternidade] lhe é imperiosamente insuflada” (p. 12). O que ocorre ao longo do desenvolvimento da

menina é a repressão de sua personalidade para que ela se encaixe em determinadas características consideradas próprias do sexo feminino e que acabam por a desumanizar.

Em outro momento da narrativa, ao poder usufruir de autonomia, Estevão fica radiante e revisa seu pensamento anterior: “‘Isto é bem melhor do que ser o jovem Nelson’, pensou Estevão, ‘pois agora desta forma sou feliz sem deixar de ser eu mesma’” (p. 46). Cavalgar com seu pai ao ar livre lhe proporciona uma sensação de bem-estar e felicidade e a personagem percebe que ser ela mesma também possibilita alegrias; isso só ocorre quando não a privam de aproveitar suas capacidades físicas e intelectuais.

Com 17 anos, a pressão para que Estevão se relacione com homens aumenta e ela vai a um jantar, trajada de vestido engomado, no qual é necessário que desempenhe o papel imposto a ela e às demais jovens do sexo feminino, dando seu braço para que um rapaz a leve à sala de jantar em uma fila de casais: “A seguir a solene e ultrarridícula procissão, animais marchando para a Arca, dois a dois, certíssimos da proteção divina... Macho e fêmea os criou Deus!” (p. 92). Em referência ao texto bíblico, é reforçada a heterossexualidade compulsória enquanto norma a ser seguida, porém Estevão sente sua inadequação. A angústia da jovem Estevão em precisar se conformar aos limites exigidos da feminilidade diz respeito ao objetivo desse ritual, que é demarcar o sexo feminino de modo a garantir sua submissão. Para que ela aceite ser uma mulher não adulterada pelos padrões patriarcais que a destinam para a inferioridade é preciso que ela acredite estar biologicamente falhada. O entendimento de Estevão sobre ser mulher e sua recusa em ser feminina desafia as normas culturais que ditam nossa subordinação.

A existência lésbica é descrita por Adrienne Rich (2019, p. 65) enquanto a “presença histórica de lésbicas” e “nossa criação contínua do significado dessa existência”, ao passo que Estevão desconhece essa presença histórica, ela assimila o discurso patriarcal. É notório que a protagonista não percebe a existência lésbica enquanto realidade possível e fonte de conhecimento e poder para as mulheres. De modo semelhante, durante sua vida até então Estevão não constitui um “*continuum* lésbico” (RICH, 2019, p. 65), ou seja, experiências com mulheres em busca de compartilhar sua vida interior, unir-se contra a tirania masculina e dar e receber apoio, o que lhe causa isolamento, ódio a si mesma e crises.

Estevão só passa a experimentar a existência lésbica após ter se alistado na I Guerra Mundial para fazer parte de um grupo de mulheres que dirige ambulâncias e socorre feridos. Nesse grupo de inglesas na França, Estevão pode ver “fisionomias inconfundíveis – reconhecia-as à primeira vista – podendo separá-las instintivamente do meio da multidão” (p. 332). Percebe lésbicas como ela que foram aceitas nos postos de trabalho sem serem desdenhadas, pois, após a guerra, “nunca mais se submeteriam, tais mulheres, a ser enxotadas para seus buracos e recantos” (p. 333).

Nesse cenário, Estevão conhece Maria Lleiwellyn, com quem passa praticamente todo o tempo de trabalho. Apesar do conflito moral de Estevão sobre se sentir anormal e pecadora, as amantes compartilham juras de amor e juntas tornam-se “corajosas, invencíveis, tenazes” (p. 387). Depois, morando em Paris, passam a ter uma vida conjunta, compartilham afazeres domésticos, levam uma vida ociosa e feliz (p. 394) e percebem casais de mulheres juntas em seus passeios pela cidade. Após Maria demonstrar seu desejo de conhecer novas pessoas, ambas vão a uma reunião da escritora Valérie Seymour e fazem amizade com o casal Jamie e Barbara, Pat, Wanda e Jeanne, compondo aquilo que Rich (2019, p. 65) conceitua de *continuum* lésbico. Para as personagens, é importante voltar-se “para os de sua mesma classe” (p. 434) e serem bem recebidas em “amizades que não” as considerem “leprosas morais” (p. 458). Em oposição a isso, as relações estabelecidas com outras pessoas geram intolerância e desrespeito, diminuindo a confiança de Estevão, que se sente culpada e tem a percepção de que é impossível ter uma existência “completa e normal” (p. 462), ainda mais ao presenciar um casamento entre uma de suas funcionárias e um rapaz, confirmando que ela não pode realizar tal ritual que prova o cuidado e o compromisso firmado para sempre.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Radclyffe Hall é mais uma entre as muitas que terminam com lésbicas infelizes, sem a possibilidade de redenção, porém um dos primeiros a demonstrar uma personagem de bom caráter. Um final feliz para lésbicas passa a aparecer somente na obra *Eudemônia* (1949), da brasileira Cassandra Rios (1932-2002). A adoção da teoria médica para tentar justificar a sexualidade lésbica acaba por despojá-la de seu potencial político revolucionário de rompimento com a heterossexualidade compulsória pautada

por Adrienne Rich (2019). Faltam para Estevão referências lésbicas como a da britânica Anne Lister (1791-1840), uma proprietária de terras e viajante que, conforme reportagem de Rebecca Wood (2019), escreveu diversos diários relatando seu amor por mulheres sem demonstrar sentimento de culpa ou inferioridade.

No Brasil, *O poço da solidão* é pano de fundo para a peça de teatro *As sereias da Rive Gauche* (2002), da paulistana Vange Leonel (1963-2014), na qual retrata a história de sete lésbicas artistas vivendo em Paris de 1928, incluindo Radclyffe Hall, Djuna Barnes e Natalie Barney, que inspira a personagem Valérie Seymour. Diferente da britânica, a brasileira também procura mostrar a vida amorosa e artística das lésbicas sem o peso da condenação médica e religiosa. A retomada da obra de Radclyffe Hall causa reflexão acerca da condição de marginalidade na qual as lésbicas são colocadas, com vistas a mudar essa visão e acenar a possibilidade de valorização da existência lésbica.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução: Sérgio Millet. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

HALL, Radclyffe. **O poço da solidão**. Tradução: José Geraldo Vieira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950. (Coleção Fogos Cruzados, n. 99)

JEFFREYS, Sheila. **La herejía lesbiana**: una perspectiva feminista de la revolución sexual lesbiana. Tradução: Heide Braun. Madri: Cátedra, 1996.

LEONEL, Vange. **As sereias da Rive Gauche**. São Paulo: Brasiliense, 2002.

PISANO, Margarita. **O triunfo da masculinidade**. Tradução coletiva: Estudos no Brejo. São Paulo: [s.n], 2017.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica & outros ensaios**. Tradução: Angélica Freitas e Daniel Lühmann. Rio de Janeiro: A Bolha, 2019.

RIOS, Cassandra. **Eudemônia**. 2ª ed. São Paulo: Spiker, 1959.

WOODS, Rebecca. A fascinante vida de Anne Lister, a 'primeira lésbica moderna'.

**BBC News**. 19 maio 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48260917>. Acesso em: 13 maio 2021.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução: Bia Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.



# VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade  
IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,  
Saúde e Sustentabilidade

